



REVISTA DO MINHO

Para o estudo das
tradições populares

Dirigida por

José da Silva Vieira

SERIE XIV
N.º 15

CANÇÕES POPULARES DE VILLA DO CONDE

Recolhidas por

JOSÉ DA SILVA VIEIRA

(Continuação)

68

Prometto que heide amar
Ao meu primo da Ribeira,
Nunca terei alegria
Sem te ver à minha heira.

69

Promettestes e faltastes
És homem, não tens palavra;
Se me tal acontecia
Por minhas mãos me malava.

70

Quando passares pela rua
Tú tosse e cõspe no chão,
Que estou lá dentro cõzendo
Não sei se passas se não.

71

Quando passares por mim
Poẽ-te de cara bem triste;
Nega a todos, meu amor,
Nega que nunca me viste.

72

Quem quizer comprar, eu vendo
Amores que eu engeitei.
Estes que eu agora tenho
Só por morte os deixarei.

73

Quando te eu vi lorangeira
De laranjas carregada,
Logo meu coração disse:
Lorangeira desgraçada.

74

Rapariga tu és tola
N'essa tua opinião
Não procureis os rapazes
Que elles vos procurarão.

75

Se fõres a Villa do Conde,
Espera por mim no caes,
Que o nosso querer bem
Cada vez augmenta mais.

76

Sois alegre e andaes triste,
Dizei-me porque rasão?
Se é por falta de amor
Aqui tens meu coração.

77

Se queres que eu seja tua,
Manda ladrilhar o mar,
E depois do mar ladrilhado
Serei tua sem fallar.

78

Se o querer bem se pagasse,
Quanto me estavas devendol
Então é que tù saberias
O bem que te estou querendo.

79

Se tu vires a tarde triste
E no ar a querer chover
Conta que são os meus olhos
Que choram por te não ver.

80

Sol divino não te encubras,
Eu não posso ver a noute;
Não posso ver meu amor
Longe de mim e perto d'outra.

81

Se a oliveira falasse,
Se dissesse o que viu...
Debaixo da sua rama
Dous amantes encobriu.

82

Suspiros, ais e dores,
Maginações e cuidados,
É o manjar dos amores
Quando vivem separados.

83

Tenho um amor, tenho dois,
Tenho trez, não quero mais.
Eu para que quero amores
Se me elles não são leaes?

84

Toma là esta laranja
E come o que ella tem dentro.
Da tona, faz um barquinho
P'ra embarcar teu pensamento.

85

Tenho um lenço de suspiros,
Atadinho pelas pontas;
Largos dias tem cem annos...
Nós faremos nossas contas.

86

Trago meu coração triste
Como a tinta de escrever,

Sómente em me lembrar
Que te não torno a vêr.

87

Tenho cinco chapéus finos
Todos cinco *agatuados*,
Tenho cinco amores novos,
Um firme e quatro enganados.

88

Voôu de meu coração
A paz, a doce alegria;
Sou a imagem da morte
Sem a tua companhia.

89

Vou-me por aqui abaixo
Com o meu maxinho, traz, traz,
Vou-me tapar um portello
Antre as pernas de um rapaz.

90

Quem me dera morrer hoje,
E depois voltar á vida,
Só p'ra ver quem te lograva.
Prenda minha tão querida.

(Continúa)

Folk-lore açoriano

*Nossas lindas ficções, nossa engenhosa
Mythologia nacional e propria...*
Garrett

I

O estudo scientifico das tradições populares foi encetado em Portugal, ha cerca de trinta annos, formando então na vanguarda dos seus benemeritos iniciadores o nosso illustre compatriota Sr. dr. Theophilo Braga, e figurando os Açores, desde 1869, pela publicação dos *Cantos do Archipelago*, como uma das bem poucas terras do paiz, e talvez a primeira até, onde as investigações folkloricas foram emprendidas por uma forma methodica e n'um plano de exploração regional. Ao lado dos obreiros da primeira hora agruparam-se successivamente novos collectores, que se tornaram depressa em um nucleo valioso, não só pelo entusiasmo como tambem pelo numero, e nos ultimos annos o desenvolvimento de taes estudos adquiriu entre nós uma lisongeira florescencia, emquanto là fóra, na Alemanha, na França, na Italia, na Inglaterra, na propria Hespanha, a recente sciencia alcançava um logar preponderante na serie dos

conhecimentos humanos, conquistando o direito a ser considerada um elemento básico da anthropologia, da historia, da philologia e da sociologia. Contudo, ainda hoje muitas pessoas, que se conservam estranhas aos nossos estudos, perguntam sobre que versam elles e que utilidade tem.

O que é e para que serve o folk-lore? Até o termo é barbaro, o pela minha parte confesso francamente, tambem, que, considerando-o imperfeito como designação scientifica, o emprêgo apenas por facilidade de expressão e á falta de outra terminologia consagrada. Ha alguns annos que um dos mais distinctos tradicionalistas hespanhoes, Machado y Alvarez, confessava:— «A palavra folk-lore já não tem patria, o é mais expressiva e significativa do que qualquer outra, para quantos estão ao facto das correntes scientificas modernas.» Em França foram propostos os seguintes nomes para determinar a sciencia das tradições populares: *mythographia*, *demo-psychologia*, *litteratura oral*, *oui-dire*; mas todos elles apresentam inconvenientes que se oppozeram á sua adopção. Os allemães usam o termo *Volk-Lehre*, que corresponde litteralmente ao de folk-lore e tambem a denominação de *Völker-psychologie* (psychologia do povo), cuja significação é, porem, demasiado espure.

A palavra *folk-lore* é saxonica, e composta de duas vozes: *Folk*, que significa povo, o *Lore*, que significa saber. *Folk-lore* equivale, portanto, a—saber popular. Foi William J. Thoms, um dos iniciadores do folk-lore na Europa, quem primeiramente suggeriu esta denominação, no n.º de 22 de agosto de 1846 do jornal inglez *The Athenæum*.

Resta saber, o é o principal para o nosso caso, de que se occupa a sciencia provisoriamente baptisada com esse nome, ou, por outras palavras, a sua definição. Neste ponto, porem, lavra ainda uma grande indisciplina entre os seus proprios cultores. No n.º de setembro de 1881 do *Folk-Lore Journal*, órgão da *Folk-Lore Society* de Londres, o secretario desta inportante sociedade inseriu uma nota sobre a necessidade de estabelecer uma definição da sciencia folklorica, fixar a sua terminologia e determinar nitidamente o seu campo de especulação. Acorreram varios folkloristas ao apello, multiplicaram-se os alytires, discutiu-se se o folk-lore devia ser classificado no dominio das sciencias naturaes ou no das sciencias moraes, ampliou-se e restringio-se alternadamente a sua área de investigação, e, por fim, a situação não se modificou sensivelmente, conservando-se

ainda hoje aproximadamente a mesma. Como a intenção destes artigos não é a de abordar as questões theoreticas, mas simplesmente de constituirem uma especie de preparatorio ou introdução pratica ao estudo das tradições populares aqorianas, limitar-me-hei, a tal respeito, a copiar aqui o que o conde de Puymaigre, traductor de um romanceiro portuguez, escreveu na portada de outro livro seu, publicado em 1885:— «Le folk-lore comprend, dans ses huit lettres, les poesies populaires, les traditions, les contes, les légendes, les croyances, les superstitions, les usages, les dévinettes, les proverbes, enfin tout ce qui concerne les nations, leurs opinions.» (*Folk-Lore*. Paris, editor Perrin).

Para maior clareza apresento o seguinte schema (*):

I *Litteratura oral*:

- 1) contos e len las;
- 2) poesia popular (romances, cantigas, rimas infantis, orações e parodias),
- 3) formulas e comparações populares, proverbios, adivinhas e dictados topicos;
- 4) theatro popular.

§ supplementar. *Litteratura de cordel*.

II *Arte popular*:

- 1) musica, desenho e escultura populares; architectura infantil;
- 2) danças populares.

III *Ethnographia tradicional*:

- 1) costumes, superstições e festas populares;
- 2) jogos infantis;
- 3) amuletos;
- 4) heroes populares, verções dos factos historicos;
- 5) astronomia e meteorologia popular;
- 6) mineralogia, botanica e zoologia populares;
- 7) medicina popular.

(*) O prof. Adolpho Coelho, especialmente auctorizado em todos os assumptos folkloricos, no penultimo n.º da *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* (n.º 3 do IV vol.) estabelece uma classificação das divisões do folk-lore, baseada na psychologia e na ethnica, e é, sobre a classificação dos sentimentos feita por Spencer, Sergi e Wundt, a classificação das formas da vida moral deste ultimo. O caracter rigorosamente tecnico desta classificação obriga-nos, porem, a pô-la de parte neste trabalho de vulgarisação.

Mas, que utilidade existe em colligir esses contos; essas cantigas, desharmoniosas a mór parte das vezes; essas adivinhas; esses desenhos grosseiros; essas abusões; etc.? Quando muito é um trabalho de curiosidade pueril, que não tem nenhum interesse pratico ou scientifico. E publicar taes collecções, classificar-as, commental-as? Isso então é pura toleima, mas quem não tem que fazer faz colheres, como diz um adagio que tambem é popular e tambem corre nos Açores. Tenho ouvido raciocinar muitas vezes assim, e ainda ha pouco em S. Miguel, tive de responder a um raciocinio approximado, em que se revia e applaudia a inconsciencia de um «distincto escriptor» da terra, com o encolher de hombros desdenhoso que o dó sincero não pôde, em certas occasiões, perdoar á delicadeza mais precatada.

Pois, a verdade é que todas essas ninharias teem um verdadeiro interesse pratico, pelo seu incomparavel valor pedagogico, e um alto interesse scientifico, que nenhum anthropologista ou sociólogo é capaz de negar, não falando já na sua superior importancia como motores grandiosos da inspiração artistica.

Poderia dar por mim, testemunhas muito auctorisadas, mas prefiro resumir em poucas palavras as numerosas citações de escriptores illustres e de homens de sciencia, que não seria difficil colligir.

Os jogos infantis, como os *quatro cantinhos*, por exemplo, teem um incontestavel valor na educação physica; os contos e romances tradicionais são muitas vezes elementos de educação moral preferiveis ás *Fabulas* de Lafontaine; e os jogos numerativos e as adivinhas collaboram vantajosamente na educação intellectual. A Alemanha, que é uma nação modelo sob o ponto de vista do desenvolvimento da sua instrução, como sob muitos outros, ha immenso tempo já que comprehendeu era esse o interesse pratico do folk-lore.

A muitos problemas perdidos para a historia tem o folk-lore dado solução, principalmente quando se trata da condição primitiva do genero humano, e os trabalhos de Tylor são, nesse genero, uma demonstração bem significativa. Foi porisso mesmo que o illustre escriptor inglez chamou aos costumes populares «factos de sobrevivencia», sendo o primeiro talvez que os considerou acertadamente como restos persistentes de estadios religiosos e creencias porque a humanidade tem passado. E o nosso eminente historiador Oliveira Martins exprimia a mesma idea, por uma forma mais concreta,

nestas palavras: «Os usos, as cantigas, as tradições archaicas de um povo são os documentos da sua ascendencia e as provas da sua linhagem. Archival-os, é preparar os elementos para o estudo da sua existencia historica». Não só a historia, porem se aproveita da contribuição do folk-lore. O distincto folklorista inglez G. Laurence Gomme afirma: «O professor Max Muller e o professor Sayce invadiram o territorio do folk-lore e recolheram n'elle immensos thesouros para o esclarecimento de alguns problemas de mythologia e de philologia comparada. O dr. Hearn, nas suas investigações acerca da *Casa Ariana*, recorre em varias occasiões ao folk-lore em busca de factos que não pôde obter da historia, da philosophia, nem de qualquer outra fonte de informação. Ainda a geologia, sob a habil direcção do sr. Boyd Dawkins, reclama o auxilio do folk-lore para trabalhar na historia do *Homem primitivo da Gran-Bretanha*; e, finalmente, o sr. Ellton, traçando as origens da historia ingleza, internou-se no folk-lore e resolveu interessantes problemas com o seu auxilio. Do folk-lore se tem obtido igualmente, importantes materiaes para a constituição da sciencia social. Ahi está comprovado o seu interesse scientifico.

Resta demonstrar o valor das tradições como elemento de commoção artistica, mas já hoje, após o estudo das origens homericas e depois dos modernos trabalhos criticos realizados na Alemanha sobre o *Faust* de Goethe e na Italia sobre a *Divina Comedia* do Dante, não se contesta que existe uma correlação mutua e intima entre as concepções anonymas e a obra individual; o foi até esse o criterio que Theophilo Braga aceitou no estudo da historia da litteratura do theatro portugez.

Armando da Silva.

CANCIONEIRO POPULAR DO BAIXO ALEMTEJO

organizado por DIAS NUNES

(Continuação)

DCCLX

Com cinco reis de cigarros
Arranjei uma namorada:
Encontrei o meu pae sogro,
—Lá vae uma cigarrada!

(Continua)